

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Fernanda dos Santos Brum Cabral

**CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS LINGUAGENS DOS BEBÊS
NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO BERÇÁRIO.**

Santa Maria, RS
2016

Fernanda dos Santos Brum Cabral

CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS LINGUAGENS DOS BEBÊS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO BERÇÁRIO.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Polo de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil.**

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Débora Teixeira Mello

Santa Maria, RS
2016

Fernanda dos Santos Brum Cabral

CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS LINGUAGENS DOS BEBÊS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO BERÇÁRIO.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Polo de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil.**

Aprovada em 09 de setembro de 2016:

Débora Teixeira Mello, Prof.^a Dr.^a (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Camila Borges dos Santos Prof.^a Ms(UFSM)
(Banca examinadora)

Simone Freitas da Silva Gallina Dr.^a (UFSM)
(Banca examinadora)

Santa Maria, RS
2016

DEDICATÓRIA:

A todos os bebês da pesquisa que nos ensinaram a docência e a ver o mundo com olhos de criança, esse versinho é para vocês!

Como é bom ser criança e poder imaginar; uma folha colorida poder amassar, e a tinta amarela misturando com o azul que cor irá ficar? a vida é cheia de descobertas, eu quero é explorar.

No meu tempo de infância eu quero é brincar!! com terra e pedrinhas, eu quero é pesquisar!!

Com meus colegas e professora quero compartilhar, as minhas descobertas, deixa eu me expressar, por gestos e balbucios, eu tenho que te contar. A escola só faz sentido se eu puder ser criança e protagonizar!!

A Autora.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus por ter me iluminado durante as reflexões deste trabalho.

Ao meu esposo Ricardo Cabral e meus filhos, Maria Eduarda e Heitor por terem me apoiado nos momentos em que mais precisei, compartilhando força e amor.

A minha Orientadora professora Débora Mello, pela parceria e paciência nos meus momentos de angústia. Obrigada pelas contribuições com as suas sábias palavras.

A família Ipê Amarelo, por ter compartilhado dois anos de muitas reflexões sobre as crianças grandes e pequenas, sem vocês não seria a profissional que me tornei.

A minha amiga, Juliana Goelzer obrigada pela amizade, pelo carinho você é muito especial.

Às colegas e professores do curso de especialização pelas tardes sábado em que compartilhamos nossas vivências e saberes.

Aos bebês, professora, coordenadora e as famílias da creche que contribuíram para a realização desta pesquisa.

As professoras da banca, pela gentileza de contribuir conosco neste estudo. E a tantos outros que contribuíram para construção deste trabalho.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORA: FERNANDA DOS SANTOS BRUM CABRAL
ORIENTADOR: DÉBORA TEIXEIRA DE MELLO

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender e refletir as práticas pedagógicas de um berçário em uma escola pública do município de Jaguarão/RS. O estudo teve como metodologia uma pesquisa-ação. Os principais teóricos e autores que respaldaram este estudo foram: FOCCHI (2015), BARBOSA (2010), MALAGUZZI (2016), RINALDI (2014) entre outros autores de grande contribuição. Neste sentido, foram realizadas oito intervenções com bebês, momentos em que professora e pesquisadora refletiram sobre as ações dos bebês em meio as práticas pedagógicas. A pesquisadora com a colaboração da professora realizou propostas que respeitaram as especificidades do berçário, ou seja, explorações através dos sentidos, rompendo assim com o olhar adultocêntrico das práticas pedagógicas onde habitualmente os bebês eram vistos como “alunos” e outras vezes como sem possibilidades e nesta lógica ficavam restritos apenas a receber cuidados. O resultado deste estudo foi refletir um currículo possível, de escuta, onde os bebês são ativos, protagonistas, sujeitos de direitos, que têm acesso a um espaço instigador e de propostas que venham ao encontro de suas especificidades, materializando-se com explorações através dos sentidos em que o professor é o pesquisador das suas práticas que reflete, age, interage e também questiona a própria instituição, a fim de realizar um trabalho de escuta com os bebês, neste espaço coletivo chamado escola. Assim, descobrimos que os currículos possíveis estão nos bebês.

Palavras-chave: Educação infantil - Práticas Pedagógicas com Bebês - Currículo.

ABSTRACT

This research had as objective to understand and to reflect the pedagogical practices of a nursery in a public school of the municipality of Jaguarão / RS. The study was an action research methodology. The main theorists and authors who supported this study were: FOCCHI (2015), BARBOSA (2010), MALAGUZZI (2016), RINALDI (2014) among other authors of great contribution. In this sense, eight interventions were performed with babies, moments in which teacher and researcher reflected on the actions of the babies in the midst of pedagogical practices. The researcher with the collaboration of the teacher made proposals that respected the specificities of the nursery, that is, explorations through the senses, thus breaking with the adultcentric look of pedagogical practices where infants were habitually seen as "students" and sometimes as without possibilities and In this logic they were restricted only to receiving care. The result of this study was to reflect a possible curriculum of listening, where the babies are active, protagonists, subjects of rights, who have access to an instigating space and of proposals that meet their specificities, materializing with explorations through the Senses in which the teacher is the researcher of their practices that reflects, acts, interacts and also questions the institution itself, in order to perform a listening work with the babies, in this collective space called school. Thus, we find that the possible curricula are in babies.

Keywords: Infant education - Pedagogical practices with babies - Curriculum.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCNEI Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil
ECA Estatuto da Criança e do Adolescente
EMEI Escola Municipal de Educação Infantil
IFSUL Instituto Federal Sul Riograndense
LDB Lei de Diretrizes e Bases
MEC Ministério da Educação
PDE Plano de Desenvolvimento Educacional
PME Plano Municipal de Educação
PNE Plano Nacional de Educação
PPP Projeto Político Pedagógico
PROINFÂNCIA Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil .
SME Secretaria Municipal d Educação
TCE/RS Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul
UFSM Universidade Federal de Santa Maria
UNIPAMPA Universidade Federal do Pampa

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 MEMORIAL	10
3. JUSTIFICATIVA.....	13
3.1 OBJETIVO GERAL:	13
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	14
CAPÍTULO I.....	15
1.1 BREVE TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	15
1.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988	15
1.3 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE JAGUARÃO/RS	17
.....	17
CAPÍTULO II METODOLOGIA DA PESQUISA: PLANO DE AÇÃO.....	21
2.1 CONTEXTUALIZANDO O LUGAR INVESTIGADO: A EMEI.....	22
2.2 CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO INVESTIGADO - A TURMA DO BERÇÁRIO.	24
2.3 A entrada no campo da pesquisa: as observações participantes	25
CAPÍTULO - III - DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO	
INFANTIL (2009): REFLETINDO UM CURRÍCULO COM E PARA OS BEBÊS.	30
3.1 Práticas Pedagógicas com Bebês, Desafios e Possibilidades.....	31
Primeira intervenção realizada no dia 03 de maio de 2016:	33
Segunda intervenção realizada no dia 05 de maio de 2016:	35
Terceira intervenção realizada no dia 10 de maio de 2016:.....	36
Quarta intervenção realizada no dia 12 de maio de 2016:	37
Quinta intervenção realizada no dia 17 de maio de 2016:	38
Sexta intervenção realizada no dia 19 de maio de 2016:	40
Sétima intervenção realizada no dia 20 de maio de 2016:.....	42
Oitava intervenção realizada no dia 24 de maio de 2016:	43
CAPÍTULO V - DIÁLOGOS COM A PROFESSORA APÓS AS INTERVENÇÕES COM OS	
BEBÊS.	47
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
6.1 - Poema Loris Malaguzzi	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES:.....	54

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, teve como objetivo, compreender e refletir as práticas pedagógicas de um berçário em uma escola municipal do proinfância no município de Jaguarão/RS. A metodologia utilizada foi uma pesquisa-ação. Ocorreram observações da pesquisadora em uma turma de berçário, para compreender as práticas realizadas com os bebês e após foram realizadas intervenções com os bebês, momento em que pesquisadora com a colaboração da professora realizaram propostas que atenderam a especificidade dos bebês, possibilitando refletir sobre os bebês, as suas explorações em meio às propostas, organizando o espaço, respeitando o tempo e diversificando os materiais. O referencial teórico utilizado foi Reggio Emilia que traz os bebês como sujeitos protagonistas das práticas pedagógicas.

No final das intervenções com os bebês, foi realizado uma entrevista com a professora através de um questionário. E a partir deste, foi possível refletir sobre a organização dos espaços, tempos e materiais, além de ser um momento para repensar o lugar dos bebês nas práticas pedagógicas. E de um currículo possível.

No primeiro capítulo traçaremos um breve histórico da educação infantil no Brasil e a contextualização da Educação Infantil no município de Jaguarão, no segundo capítulo: plano de ação da intervenções, no terceiro capítulo: as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009): Refletindo um Currículo com e para os bebês a partir da abordagem de Reggio Emilia; no quarto capítulo: Intervenções com bebês. No quinto capítulo achados da pesquisa com um questionário realizado com a professora e as considerações finais.

2 MEMORIAL

Começo esta escrita lembrando da minha infância, quando eu tinha aproximadamente 4 anos. Fui uma criança feliz, nesta época fui morar no interior de São Sepé-RS, vivia solta no campo, brincava com barro, coletava cascas de cigarras retirada das árvores, ouvia o canto dos pássaros, brincava, corria, adorava dar aulas para a minha irmã em um galpão, era a minha escola. Tais ações permanecem vivas até hoje em minha memória, e graças a Deus fizeram parte do meu ser criança.

Conforme fui crescendo lembro da minha pré-escola, na época chamada de jardim, na cidade de Santa Maria, a escola tinha um sistema bem rígido, quanto a castigos, rotinas, mas minha professora Ivone - nunca esquecerei o nome dela - era uma pessoa incrível, lembro de suas propostas que vinham ao encontro de nossas curiosidades, indagações. Em dias de chuva, pegávamos as cadeiras para observar a chuva da janela, pois o espaço não era adaptado para as crianças, mas mesmo assim a alegria de estar e pertencer aquele lugar era algo incontestável, pois era só olhar em nossas faces a felicidade! Também o afeto da professora, seu sorriso, o respeito conosco - todos éramos chamados pelo nome - suas concepções de infância e criança estavam além do tempo em que estávamos vivenciando, pois éramos tratados com respeito e dignidade.

Posterior a este momento, me reporto ao ensino fundamental e médio, mas destes não tenho muitas lembranças boas, pois traziam vivências de escolarização, estudos que muitas vezes para mim não faziam sentido, como ficar em uma sala olhando para as paredes e para o professor pedindo para que os colegas ficassem quietos, queria sair, pesquisar, mas isso não era estudar para esta escola. Não lembro de nenhum encantamento.

Após este momento passei no vestibular para Pedagogia, sendo mais precisa em 2007, foi então que meu sonho de infância, de ser professora, começou a se concretizar. Desde então comecei a frequentar diferentes espaços educativos, a fim de me qualificar e compreender os diferentes contextos da educação, participei como voluntária em projetos sociais, momento em que passava as tardes com as crianças em vulnerabilidade social, após fui voluntária do mais educação, participei de grupos de pesquisa, em projetos de extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Senti a necessidade de realizar esse movimento, pois queria me encontrar em uma área mais específica e me aprofundar.

Foi então que em 2012 iniciei minha atuação como bolsista na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, escola situada no campus da UFSM. Foi nesta instituição que iniciou o meu prazer em trabalhar com a educação infantil, na época realizei estágio curricular nesta Unidade, momento em que aprendi muito com todas as pessoas. Lá era um lugar bom de se estar.

Em 2013 fui fazer meu outro estágio curricular, agora no ensino fundamental, também havia me identificado, eis então a dúvida, quem sou? Para onde vou? Educação infantil ou ensino fundamental? E agora?

Em 2014, já licenciada em Pedagogia, abriu vaga para seleção de professora na Ipê Amarelo, através de uma prova escrita e de uma entrevista; na ocasião fui selecionada e contratada. Assim, iniciei como professora referência de uma Turma em 2014, a chamada Turma Azul, era uma turma de multiidade de crianças entre 2 a 4 anos, jamais esquecerei. Apesar da pouca experiência fui construindo um grande aprendizado, pois as crianças me ensinaram a docência, através das suas curiosidades, indagações, me sentia desafiada a querer aprender com elas e isso me exigia a pesquisar cada vez mais. No final de 2014 resolvi me comprometer ainda mais com as crianças pequenas, foi então que abriu edital para Especialização em Docência na Educação Infantil, me inscrevi e fui selecionada. A alegria tomou conta do meu ser, pois estava realizando um sonho, que era de me qualificar na área e foi o curso de especialização com profissionais qualificados e comprometidos com a Educação continuada que contribuíram para afinar o meu olhar sobre as práticas pedagógicas e as legislações vigentes.

Em 2015, já compreendendo ainda mais a Educação infantil, tive o prazer de ser uma das educadoras da Turma Violeta, turma de multiidade com crianças de 2 a 4 anos, junto com as professoras Juliana e Gabriele. Os professores desta escola formam uma verdadeira equipe de comprometimento com a qualidade da educação das crianças. Hoje percebo o quanto minha docência foi se constituindo em meio às formações, nos dias de planejamento, nas discussões com o grupo de professoras, no meu cotidiano com as crianças, tudo isso fazia parte do meu ser e fazer a docência.

Foi na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, juntamente com o curso de especialização, que aprendi a escutar as crianças, a dar voz a elas, a deixá-las serem protagonistas das suas descobertas e de seus aprendizados, e também aprendi a me aventurar junto às crianças, a brincar com elas, a refletir sobre minhas práticas pedagógicas de uma forma crítica e reflexiva, com um olhar atento, sensível a realidade e a qualidade no trabalho com a educação infantil.

Um dos diversos motivos que me instigou a pesquisa foi um fato curioso que aconteceu numa tarde em minha turma na Ipê Amarelo em Santa Maria, momento em que realizamos meleca com os bebês. O fato ocorreu assim: organizamos o espaço, as crianças e eu, para acolher os bebês da Turma Violeta (berçário), colocamos potes de mingau de maizena com farinha láctea e pincel. Um bebê de aproximadamente 10 meses estava explorando com o pincel e mostrou para uma criança de 4 anos, a mesma se dirigiu a mim dizendo: - *“Profe! Olha! O bebê está comendo cola?, eca!”* e o bebê continuava a sinalizar que era para ela provar. Neste instante, pedi que ela se

dirigisse até o bebê, pois ele estava comunicando através dos seus balbucios. Então a menina disse: *“Não entendi profe, ele quer que eu prove?”* então a menina provou e disse: *“Os bebês nos ensinam, eles sabem o que estão fazendo.”* Esta frase ficou gravada em minha memória e me fez querer refletir sobre: qual é o lugar dos bebês nas práticas pedagógicas? Isso me fez querer conhecer mais sobre as práticas com bebês e suas explorações.

No final de 2015 precisei sair da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo para ir morar em Jaguarão/RS, meu esposo já estava lá desde abril, havia passado em um concurso público. Eu, como havia me comprometido com a Turma Violeta e com a pós graduação, resolvi ficar até o final de dezembro deste mesmo ano. Foi uma decisão muito difícil de ser tomada, ter que ir embora para outra cidade, pois deixei para trás alguns sonhos, familiares e a família Ipê Amarelo

3. JUSTIFICATIVA

O interesse em desenvolver um estudo acerca desta temática práticas pedagógicas com bebês, surgiu desde o tempo em que era professora na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, mas se intensificou após algumas visitas à Unidade do Proinfância do município de Jaguarão/RS, momento este em que entrei em contato inicial com o campo de pesquisa e pude perceber algumas questões.

Uma destas questões estão relacionadas à forma como era organizado o trabalho na sala “Creche”, que atende bebês nos períodos da manhã e da tarde. Realizei algumas observações participantes, no turno da tarde, e verifiquei algumas práticas voltadas para o cuidado, com algumas atividades pedagógicas adultocêntricas que seguem descritas ao longo deste trabalho.

A partir de tais observações e apoiando-me em minhas experiências e processos formativos anteriores, vivenciados na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, percebi que de alguma forma eu poderia contribuir com aquele contexto e com o trabalho pedagógico realizado com os bebês. Considerando que o objetivo do Curso de Especialização que eu estava realizando tinha esse propósito, o de qualificar práticas pedagógicas no interior das escolas, transformando o contexto, compreendi que esta seria uma oportunidade de atender a isto. Logo, a qualificação das práticas com bebês me impulsionou a esta pesquisa. Esta linha de pesquisa, embora venha se ampliando nos últimos anos, ainda é bastante incipiente, necessitando de mais estudos.

O Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil me proporcionou um olhar sensível às práticas pedagógicas com bebês e me levou a investigar estas práticas e as explorações dos bebês. Perceber esta especificidade requer uma escuta sensível e um olhar atento da e para a realidade.

Assim, minha intenção com esta pesquisa foi de propor práticas pedagógicas com os bebês levantando algumas questões, entre elas: O que é ser professora de bebês? Quais as práticas pedagógicas, podemos proporcionar aos bebês?

3.1 OBJETIVO GERAL:

Compreender e refletir sobre as práticas pedagógicas docentes desenvolvidas junto com bebês, em uma escola da rede pública no município de Jaguarão/RS.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer as práticas pedagógicas realizadas com os bebês em uma escola municipal de Jaguarão/RS.
- Contribuir com a prática pedagógica da professora sugerindo, planejando, pesquisando e organizando conjuntamente momentos de desafios para os bebês.
- Observar e refletir com a professora sobre as explorações dos bebês, suas descobertas e seu protagonismo em meio as práticas.
- Investigar se as intervenções realizadas com os bebês contribuíram para a qualificação das práticas pedagógicas

CAPÍTULO I

1.1 BREVE TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Início esta escrita relatando a trajetória da educação infantil, no final do século XIX, que segundo Kuhlmann (2000) foram as primeiras iniciativas de instituições voltadas para a criança - os chamados Jardins de Infância, inspirados nas escolas de Froebel - introduziam crianças a partir dos 3 anos nas artes (desenho e pintura), atividades físicas, jardinagem, linguagem, cálculos, história e geografia, evidenciando seu caráter educacional, voltadas para as crianças da elite.

Devido a crescente industrialização, e com as mulheres necessitando ocupar postos no mercado de trabalho, ensejando um lugar para deixar seus filhos. A creche aparece como assistência onde empresários com mais de 30 funcionários deveriam dar respaldo às mães trabalhadoras, poucas empresas aderiram aos berçários, sendo que neste período desencadeou uma luta por creches reivindicadas pelas mulheres.

De acordo com Kuhlmann (2000), o vínculo entre o sistema social tornava-se polêmico, pois vivia-se um binômio entre a assistência como negativo e o pedagógico positivo.

Após começou a creche a existir em caráter compensatório, a fim de compensar a “falta de cultura” das crianças. O objetivo principal da educação compensatória era o de promover oportunidades educacionais no caráter social e cultural compensando-se esse déficit das crianças. As crianças mais pobres eram consideradas carentes.

Os primeiros parques infantis foram construídos em São Paulo, em bairros operários, com o intuito de promover atividades culturais para crianças de 3 a 6 anos. Deste modo era valorizado a cultura, também havia assistência de médicos entre outros.

Já nos jardins-de-infância das crianças eram de famílias de classe média, a educação não tinha o mesmo caráter compensatório. O trabalho envolvia também o desenvolvimento dos aspectos afetivos e cognitivos das crianças.

1.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

Institui-se então a educação infantil como um direito da criança e o dever do estado. A partir de então a criança não é vista mais como um objeto de tutela. O Estatuto da criança e do adolescente ECA (1990) reafirma o que está na constituição de 88, a criança enquanto sujeito de direitos.

E é a LDB 9394/96 que estabelece as diretrizes e bases, inserindo as creches e pré-escolas no sistema básico de ensino, como primeira etapa da Educação Básica trazendo no seu art 29 [...] a finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Em 1998 surgem os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, como documento orientador das práticas pedagógicas. O documento era apresentado em três volumes, tratando as práticas de forma “didatizada”, trazendo conteúdos para as crianças. O documento foi produzido no período do Governo Fernando Henrique Cardoso, momento em que houve reformas educacionais e interesses políticos.

Em 1999 foram publicadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, e no ano de 2009 ocorreu a sua revisão. Este documento é uma normativa que apresenta como eixos norteadores das práticas pedagógicas as brincadeiras e as interações, e os princípios Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Neste mesmo ano é novamente editado o documento “*Crerios de Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças*”, editado pela primeira vez em 1995. Este documento, elaborado por Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg, propõe a qualificação das práticas pedagógicas nas creches.

Em se tratando de qualidade, temos o PNE (Plano Nacional da Educação 2001-2010) que já tinha como meta atingir até 2005, 50% das vagas nas creches, entretanto essa meta não foi atingida, pelo fato dos municípios não terem verbas.

O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) em 2007, traz como estratégia a ampliação de vagas em creches e pré-escolas, com o programa de Reestruturação e aquisição de equipamentos para a rede escolar de educação infantil Proinfância.

O PNE 2014-2024 propõe a ampliar as vagas nas creches e pré-escolas, lançando metas 50% para crianças de 0 a 3 anos, e a universalização de vagas para 4 e 5 anos. E também prevê o investimento na formação continuada de professores com cursos de Aperfeiçoamento e Especialização na área de Educação Infantil.

Assim, observamos que ao longo da história preocupou-se em promover a qualificação das práticas pedagógicas na Educação Infantil, reconhecendo a criança como um sujeito competente, capaz, de direitos. Contudo, ainda hoje muitas escolas desconhece esses documentos, o que acaba

interferindo na qualidade do trabalho pedagógico com a educação infantil, tanto da creche quanto da pré-escola.

1.3 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE JAGUARÃO/RS

O município de Jaguarão fica localizado no extremo Sul do Rio Grande do Sul e é uma cidade fronteiriça com a cidade de Rio Branco no Uruguai. A cidade possui aproximadamente 27 mil habitantes e é conhecida pelas suas belas estruturas arquitetônicas e pelos *free-shops* da cidade irmã uruguaia. Quanto a educação pública federal a cidade possui um campus da UNIPAMPA (desde 2006) e um Campus Avançado do IFSUL (desde 2013).

A coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação (SME) é a responsável pelas escolas de educação infantil do município, pois as mesmas não têm diretores, apenas coordenadores e as formações das professoras são organizadas pela secretaria municipal em parceria com as escolas da rede municipal e com a UNIPAMPA.

Em julho deste ano de 2016, foi aprovado o projeto de lei do Plano Municipal de Educação (PME) que traz metas e estratégias para a educação de Jaguarão. E a primeira meta do município é Universalizar, até 2016, a Educação Infantil para as crianças de quatro a cinco anos e ampliar, até 2020, a oferta de educação infantil em creches, de forma a atender, no mínimo, cinquenta por cento das crianças de até três anos até o final da vigência deste PNE. Como estratégias 1 o município vai ampliar as vagas utilizando as escolas de ensino fundamental para o atendimento das crianças. A estratégia 2 é a regulamentação das escolas de Educação Infantil, com cargos de diretores para as escolas que tiverem mais de 50 crianças matriculadas. Cabe salientar que as escolas municipais de Jaguarão são credenciadas pelo MEC e estão em processo de regularização.

O município também está se preocupando com relação a formação de professores, garantir espaços de formação inicial e continuada para os profissionais que atuam na Educação Infantil Municipal e Particular, a partir do primeiro ano de vigência deste plano que é 2016.

O projeto de lei iniciou o processo de elaboração de forma democrática em 2014, com assembleias, fóruns, entre outros para que toda a comunidade pudesse participar (pais, professores da rede, discentes, professores da UNIPAMPA, coordenadores das escolas) realizaram entrevistas com alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental.

O município traz orientações para o trabalho com a Educação Infantil, é a lei 6.041 de 06 de outubro de 2014. Este documento, apresenta formas de organização e funcionamento das escolas, tais como: número de criança por professor, horários de funcionamento municipal da educação.

O município conta com aproximadamente onze escolas municipais de Educação Infantil e seis particulares. A Secretaria Municipal da Educação também realiza formação para as escolas particulares que atendem a educação infantil. São estas as escolas:

Quadro 1: Escolas de educação infantil do município de Jaguarão

Escolas Municipais de EI	Escolas particulares EI
EMEI Pato Donald	EEI Luluzinha
EMEI Casa da Criança- creche mais antiga de Jaguarão. 60 anos	EEI Brincar e Aprender
EMEI Cebolinha	EEI Jardim de Infância Coração Pequeno
EMEI Silvia Beatriz Ferreira Soares	EEI Creche-Sociedade Espírita nosso lar (filantrópica)
EMEI Jacinto Hermes Ferreira	Centro Educacional Branca de Neve
EMEI Verdinha Raffo de Souza Soares	Centro de Recreação Chapeuzinho Vermelho
EMEI Pedacinho do Céu	
EMEI Bolinha	
EMEI Arco Íris de todas as Cores	

Fonte: A Autora a partir da consulta na internet.

As Formações realizadas com os professores da Educação Infantil no ano de 2016, no período da pesquisa, de Abril à junho.

A forma de como o Município se organiza para a formação continuada é muito interessante, pois cada escola com uma data específica, fica responsável por uma temática para compartilhar com as demais escolas naquele mês

Quadro 2 - formação continuada no Município de Jaguarão.

Responsável pelas formações	Projeto de formação

professora I	- Rotinas tempos e espaços Educação infantilI
professora II	- Avaliação Institucional na educação infantil.
professora III	- Educação Especial e Educação Infantil.

Fonte: fonte autora retiradas da internet

As taxas de Atendimento na Educação Infantil no ano de 2013 em Jaguarão: as taxas de atendimento em creche e pré-escola foram calculadas considerando a estimativa populacional do ano de 2012.

Quadro 3:Taxa de atendimento Jaguarão 2013.

Número de crianças de 0 a 3 anos e de 4 a 5 anos inseridas no sistema de ensino, independentemente da etapa em que estão matriculadas	
Creche: 23,07%	Pré-escola: 57,95%
O município tem 1.257 crianças de 0 a 3 anos e 723 crianças de 4 e 5 anos.	

Fonte: TCE- Tribunal de contas do Estado - Radiografia da Educação Infantil - 2013

A fim de atender a meta 1 proposta pelo PNE (universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil creches, de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos, o município, na escola do Proinfância, está reduzindo o atendimento dos bebês para um turno ou seja, turno parcial, em função disto os professores concursados estão recebendo suplementação de carga horária para darem conta da demanda, pois o Município não realiza contrato de professor e o último concurso ocorreu em 2012.

CAPÍTULO II METODOLOGIA DA PESQUISA: PLANO DE AÇÃO

Início este plano de ação falando um pouco da teoria que embasa as intervenções que realizei no berçário no decorrer desta pesquisa, que é a teoria das “Cem Linguagens” de Loris Malaguzzi, um pedagogo educador que reconhece as potencialidades das crianças através da escuta. Essa é a abordagem de educação infantil de Reggio Emília, cidade localizada no norte da Itália, são práticas pedagógicas que valorizam todas as formas de expressão dos bebês e que vem de encontro com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Desta forma, a partir de minhas observações do contexto investigado, e após conversar com a professora sobre o lugar dos bebês nas práticas pedagógicas, sugeri que elaborássemos propostas pedagógicas diversificadas e que contemplassem o que está normatizado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), organizando espaços, tempos e materiais para os bebês, a fim de fazer com que o bebês exercessem o seu direito de explorar aquele espaço e os materiais do seu jeito, ou seja: através das suas múltiplas linguagens, sentidos e experimentações, sendo protagonistas. Possibilitando um ambiente rico de brincadeiras e interações, entre bebês/bebês e bebês/ adultos.

As propostas com os bebês foram documentadas através de fotos, que poderão servir de material de reflexão para futuras intervenções e formações continuadas, buscando e qualificando o contexto educativo, constituindo a prática docente como um processo formativo para as professoras.

As intervenções realizadas na creche (Berçário), partiram das observações da pesquisadora na prática da professora com os bebês. As propostas foram planejadas com o olhar centrado na criança, subvertendo o olhar adultocêntrico das práticas, trazendo os bebês como protagonistas das suas ações.

No início, durante e ao final das intervenções os diálogos com a professora da turma foram muito importantes para refletirmos sobre as práticas pedagógicas com bebês. A metodologia utilizada para este estudo é uma pesquisa-ação, neste momento o pesquisador está em contato direto com a realidade, propondo reflexões e mudanças no contexto investigado. Assim, a pesquisa-ação, com intervenção pedagógica para Franco.

assume uma postura diferenciada diante do conhecimento, uma vez que busca, ao mesmo tempo, conhecer e intervir na realidade que pesquisa. Essa imbricação entre pesquisa e ação faz com que o pesquisador, inevitavelmente, faça parte do universo pesquisado, o que, de alguma forma, anula a possibilidade de uma postura de neutralidade e de controle das circunstâncias de pesquisa. (2005, p. 491).

No percurso metodológico estavam previstas aproximadamente duas semanas de observações participantes, e após estas, seriam realizadas intervenções com os bebês. Contudo, foi impossível não intervir na prática pedagógica durante observação pois não há neutralidade, no momento em que o pesquisador encontra-se no campo da pesquisa, ainda mais se tratando de uma pesquisa com os bebês.

2.1 CONTEXTUALIZANDO O LUGAR INVESTIGADO: A EMEI

O contexto investigado fica situado no município de Jaguarão. A escola é obra do governo Federal, que criou o Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância) por considerar que a construção de creches e pré-escolas, bem como a aquisição de equipamentos para a rede física escolar desse nível educacional, são indispensáveis à melhoria da qualidade da educação. O programa foi instituído pela [Resolução nº 6, de 24 de abril de 2007](#), e é parte das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) do Ministério da Educação, o projeto arquitetônico é do tipo B.

O prédio contempla nos espaços internos: secretaria e coordenação, sala dos professores, refeitório, sala de informática, anfiteatro, biblioteca, banheiros adequados às crianças com necessidades especiais, 8 salas de aula, com capacidade de atender 120 crianças em turno integral e 240 crianças em turno parcial. Nos espaços externos: pátio e estacionamento.

A obra iniciou em 2010 e terminou em 2015. A escola Arco Íris de Todas as Cores, nome esse fictício para resguardar a identidade da escola, está, fica localizada na zona periférica no Município de Jaguarão/RS que faz fronteira com a cidade de Rio Branco no Uruguai, e atende em média 128 crianças.

As Turmas da escola estão organizadas da seguinte forma: Berçário chamado de Creche I, A I e II e B I e II (8 crianças em cada Turma, faixa etária zero a 1 ano e 10 meses, A - manhã e B - tarde, (uma professora e uma cuidadora), Creche II A I e II e BI e II (12 crianças em cada turma, faixa etária 2 a 3 anos, uma professora e uma cuidadora), Creche II I e II (12 crianças, faixa etária 2 a 3 anos, uma professora e uma cuidadora), Pré-escola I (15 crianças - 3 anos, uma professora), Pré-escola II (4 anos - 20 crianças - 1 professora). As crianças que pertencem ao Pré-escolar III (5 anos) após vão para as escolas municipais e estaduais. A escola conta com o apoio de 1 coordenadora pedagógica, 1 secretária no turno da manhã e tarde, 1 auxiliar de limpeza, 2 cozinheiras, nutricionista da prefeitura, professoras e cuidadoras (estudantes do ensino superior), conta com apoio das estudantes dos cursos de Pedagogia e Letras da UNIPAMPA que desenvolvem

projetos do PIBID. A escola atende das 8h às 12h e das 13h30min às 17h30min (fechando ao meio dia).

Sobre as famílias das crianças, alguns pais são profissionais liberais, outros trabalham nos *free - shop* no Uruguai, outros pais são do quartel, comércio, outros pais são catadores, informações disponibilizadas pela coordenação da escola.

Através da Lei N.º 6.041, DE 6 DE OUTUBRO DE 2014, que Autoriza a Instituição das Orientações Curriculares Municipais Para a Educação Infantil para o município de Jaguarão: A tabela abaixo: NOMENCLATURA DA TURMA FAIXA ETÁRIA COMPREENDIDA: Art. 2º. As turmas de Educação Infantil serão organizadas de acordo com as especificações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, ou outra que a substitua, determinando que a Educação Infantil será oferecida em: I - creches ou entidades equivalentes para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos.

NOMENCLATURA DA TURMA	FAIXA ETÁRIA COMPREENDIDA
Creche I	zero a 22 meses
Creche II	22 meses a 3 anos
Pré-Escolar I	3 anos
Pré-Escolar II	4 anos
Pré-Escolar III	5 anos completados

Fonte: Nomenclaturas Lei n.º 6.041, de 06 de outubro de 2014

A presente lei considera a Resolução CEB/CNE nº 5/2009, art.5º, § 6º, sendo a Educação Infantil em tempo parcial, a jornada de, no mínimo, quatro horas diárias e, em tempo integral, a jornada com duração igual ou superior a sete horas diárias, compreendendo o tempo total que a criança permanece na instituição.

O planejamento das professoras é semanal, a escola não tem internet, por isso, as professoras pesquisam em outros espaços fora da escola.

Os professores da pré-escola tem carga horária de 20h na escola. Somente os professores do berçário é que realizam 40h semanais e ficam nas turmas, nos turnos manhã e tarde, os bebês ficam em turnos parciais.

A escola trabalha com projetos e planejamentos por datas comemorativas, e outros vindos da Secretaria Municipal da Educação como por exemplo: campanha, Zika vírus, entre outros.

Outros projetos são realizados para as crianças na escola, a partir das reuniões das professoras. As visitas de observação inicial dentro da escola ocorreram em março, mas antes, nas férias das crianças a pesquisadora já havia entrado em contato com o campo de pesquisa para conhecer os espaços da escola, as crianças e a professora. A escola trabalha com pareceres descritivos como formas de avaliação, este é realizado bimestralmente.

A escola Arco Iris de Todas as Cores é uma obra do programa do Proinfância, assim a estrutura física, os espaços foram projetados para as crianças, como: janelas que dão visão para a criança observar o quintal, pracinha gramada, espaços reservados para as crianças que quiserem descansar, mobiliários, livros do Ministério da Educação tanto para as crianças explorarem quanto para os professores utilizarem em suas formações, entre outros recursos. Todos esses fatores qualificam o trabalho junto ao berçário, devido aos recursos oferecidos pelo programa (PROINFÂNCIA) com o apoio do FNDE .

2.2 CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO INVESTIGADO - A TURMA DO BERÇÁRIO.

Início esta escrita, descrevendo e refletindo sobre o espaço do berçário, possui três ambientes, um deles com berços, que não são utilizados pelos bebês, pois dificilmente dormem, pelo fato de ficarem meio período, não ocupam este espaço. Há uma sala com trocador, e nomes dos bebês fixados nas paredes com ganchos para que os professores identifique as mochilas, banheira e pia que funcionam somente com água fria, ou seja, impossível dar banho nos bebês, apesar desta turma investigada ficar meio período, das 13h30min as 17h30min há momentos em que as práticas pedagógicas e os próprios bebês exigiriam banhos para relaxar, para explorar materiais diversos e ter contato com o seu corpo, acompanhados de um profissional da educação. Cabe ressaltar que nesta turma a torneira está queimada.

Também neste espaço, temos uma sala ampla, não há móveis adaptados para os bebês, apenas uma bancada com brinquedos, não há espelhos, importante para os bebês observar, explorar seus movimentos e construir sua identidade. Há somente uma placa escrito (boas vindas) confeccionada de e.v.a. Não haviam registros dos bebês nem fotos, senti que ali era um espaço para os adultos.

Há também um sofá na sala do creche, destinado para amamentação dos bebês, este, é destinado para as mães amamentarem seus filhos na escola. A sala possui uma mesa com 4 cadeiras, cadeirinhas de alimentação, nos quais são utilizados para alimentar os bebês.

A professora é formada em pedagogia com especialização em gestão educacional, há na sala mais uma monitora que auxilia a professora.

A professora recebe dispensa para compensar as reuniões pedagógicas e formações que o município realiza, e também há uma redução da carga horária para fazer o planejamento semanal. Nestes dias de redução, quem fica com a turma é uma graduanda do curso de Letras da UNIPAMPA, responsável pelas reduções de todos dos professores desta escola e mais uma professora formada.

Nas visitas à escola fui percebendo o seu funcionamento, sendo que a mesma estava terminando a elaboração do regimento e o PPP (Projeto Político Pedagógico), assim havia da minha parte uma carência por dados, pois precisava compreender as concepções de criança, assim como, as práticas pedagógicas utilizadas pelas professoras do berçário para seguir com a pesquisa.

2.3 A ENTRADA NO CAMPO DA PESQUISA: AS OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES

Início a entrada de campo para observar a professora e os bebês no seu cotidiano. Segundo Barbosa (2010) utiliza-se a nomenclatura bebês crianças até 18 meses, depois as chamamos de crianças pequenas.

Quem são os bebês?

Quadro 5: Relação entre os nome dos bebês

Nomes (letras)	idade
A	1 ano
B	8 meses
C	1 ano gêmeo
D	1 ano e 6 meses
E	1 ano e 5 meses
F	1 ano e 4 meses
G	1 ano gêmeo

No primeiro dia em que estive na turma, durante os primeiros instantes os bebês só me observavam, estava com uma touca e logo tirei da cabeça e comecei a brincar de me esconder atrás

da mesma, foi quando recebi o primeiro sorriso de um deles era o “F” de 1 ano e 4 meses, que possui um sorriso contagiante e uma outra menina chamada “E” que logo pegou meu diário e a caneta e começou a rabiscar, sendo assim me senti autorizada pelos bebês a adentrar na sala e realizar a pesquisa.



foto1: fonte autora



foto 2: fonte autora

Logo fui interagindo com eles, brincamos por um longo tempo, momento muito rico e significativo.

Nos demais dias, percebi que a rotina dos bebês seguia de modo padronizado. Para BARBOSA (2009) a rotina como categoria pedagógica pode ser classificada como estruturante ou engessada, a primeira citada contribui na qualidade com o trabalho que é realizado junto aos bebês, pois suas ações são refletidas diariamente pelo professor sobre eles. Já engessada, numa prática que é realizada mecanicamente, ou seja sem reflexão da prática.

A rotina transcorria desta forma: os familiares entregavam os bebês na porta da sala para a professora, a partir das 13h30min, alguns vinham de casa em carrinhos eram acolhidos em um tatame de e.v.a momento em que assistiam vídeos, outros bebês brincavam entre si e com as professoras.

A partir das 14h os bebês recebiam o leite, alguns no colo da professora, outros bebês preferiam sentar no tatame e outros a professora colocava um colchão para quem quisesse deitar. Após os bebês que tinham mais autonomia desciam dos carrinhos para ir até uma bancada onde ficavam localizados os brinquedos. Os bebês escalavam os andadores que encontravam-se em frente a bancada e subiam até chegar no brinquedo desejado. A professora nesse momento pega o bebê com cuidado, e fala “*vou pegar o brinquedo pra você.*”

Para HORN (2004) a organização do espaço implica na maneira de como o professor compreende a concepção de criança e infância em sua prática pedagógica. Assim, os espaços podem

ser organizados com materiais instigadores e desafiadores que permita com que a criança explore de forma autônoma ou simplesmente um espaço de dependência da criança controlado pelo adulto.

Deste modo, o professor precisa refletir sobre o espaço, sobre suas práticas e sobre o seu grupo de crianças. Este espaço precisa ser planejado de forma que possibilite a criança a exploração, investigação, encantamento, descobertas e brincadeiras e muitas interações, tanto entre adultos/bebês, bebês/bebês e adultos/adultos.

No momento da janta, cada bebê recebia o alimento em cadeirinhas e mesas e após eles brincavam com as bolas que haviam no chão da sala. Neste instante brincávamos com os materiais disponibilizados na sala. Segundo Kishimoto (2010), a criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, certas formas de uso desses materiais.

Logo, iniciava a troca de fralda, momento esse em que a professora deixava-os higienizados para esperar a chegada dos pais. Segundo a professora era uma exigência da escola, os pais entregam seus filhos limpos e recebem limpos. Inclusive havia sido realizado uma reunião para falar destes aspectos da higiene. Cabe salientar que os bebês eram trocados em outros momentos da tarde, quando eles necessitavam. A rotina da sala seguia desta forma: atividade dirigida e brincar livre. Para a atividade do dia das mães, os bebês exploravam a tinta com as mãos para fazer uma flor, era uma proposta individual, pintavam a mão e em seguida lavavam.

E assim a rotina seguia, com propostas que deveriam visar a exploração através dos sentidos. Neste dia, um dos bebês segurou na minha mão e se dirigiu até a atividade que havia realizado com a professora, o painel estava bem alto e só consegui compreender o que ele estava me sinalizando porque ele apontava a mão para cima e dançava. Era um painel sobre o dia do índio que eles haviam construído, segundo a professora era um momento em que as crianças cantavam a música intitulada “índiozinhos” e depois pintavam a mão para construir um bote. Neste instante, questionei a professora sobre a proposta, perguntei para ela porque o painel estava tão alto e sugeri que deixasse na altura dos bebês, pois o bebê estava valorizando o trabalho que havia sido realizado. A professora informou que eles rasgariam, questionei ela novamente, sobre a proposta, se era para eles, porque não deixá-los explorar? E a professora justificou que haveria uma mostra de “atividades” para a secretaria municipal de educação e para as famílias. A professora até chegou a comentar com a coordenadora sobre deixar o painel a disposição dos bebês, sugestão aceita e realizada.

Em outro momento de observação dos bebês, estavam sendo recebidos pela professora, os menores ficavam ou carrinhos ou no colo e os outros que a caminhavam ficavam no tatame de e.v.a com bolas, em seguida recebiam o leite. Neste dia, algo interessante aconteceu, os bebês

resolveram explorar os diferentes sons, som da pia de inox, batendo com os brinquedos, um outro bebê abria e fechava o registro da pia que ficava embaixo da sua altura. A professora muitas vezes ao utilizar a torneira, não encontrava água, pois os bebês mexiam no registro. O bebê é um artista que explora e observa o mundo através da sua sensibilidade e do seu protagonismo.

O bebê, antes mesmo de nascer já está em contato com o outro, no caso com a sua mãe, dentro do ventre, ele chuta, experimentam diferentes movimentos, ao nascer entram em contato com outras pessoas, nas quais realiza contato por meio dos seus sentidos, buscando sentir o mundo a sua volta.

No caso da cena citada acima, os bebês estavam se desafiando e nesse sentido é importante que o professor amplie essa vivência, quem sabe explorando, o som da pia?, o som de um vidro? de uma madeira? de um metal? Enfim, o que importa é essa curiosidade que o bebê traz e que muitas vezes o professor não se dá conta ou muitas vezes percebe e nega esta exploração, justamente por pensar que o bebê não entende e pode se machucar, mas com a presença de um adulto, o bebê pode explorar inúmeros materiais.

Neste dia a professora se desafiou a oferecer massa de modelar para os bebês, segundo o seu relato era a primeira vez que estaria oferecendo o material. Senti que ela estava preocupada em proporcionar momentos de desafios, mas, mesmo assim, a professora estava receosa que eles pudessem ingerir a massinha.

A professora com a massinha de modelar na mão fazia uma bolinha e mostrava para os bebês. Mas eles desejavam explorar com a boca, na mesa, no colega, no chão, e logo a proposta foi interrompida, pelo fato de que eles pudessem ingerir.

Foi então que, após conversar com a professora sobre algumas vivências das explorações dos bebês, pedi a sua permissão e passei a intervir nas práticas pedagógicas com os bebês, refletindo e contribuindo com o planejamento das propostas, na organização dos espaços e materiais, mostrando que os bebês são capazes de ir além dos nossos objetivos, pois este deve ser apenas um norte para as ações. O planejamento vinha ao encontro das especificidades dos bebês, ou seja, exploração através dos sentidos.

Então realizei intervenções na turma da creche, com o intuito de refletirmos sobre os bebês. Me propus em alguns momentos a realizar planejamentos via internet, outras vezes intervir com sugestões, cada planejamento vinha ao encontro da escuta dos bebês, através da organização dos espaços, refletindo sobre materiais utilizados para a exploração, e propostas que valorizassem suas pesquisas com os materiais diversificados. A professora “G” e a professora “A” acharam diferente elaborar um planejamento que partisse da escuta dos bebês. Uma fala surgiu de nós enquanto professoras/pesquisadoras *“mas os bebês não falam! como escutar?”*, deste modo me

senti desafiada a realizar esta escuta dos bebês, das suas falas, que são os balbucios, que estão se desenvolvendo diariamente.

Segundo RINALDI (2014) a escuta é uma metáfora para a abertura e a sensibilidade de ouvir e ser ouvido - ouvir não somente com as orelhas, mas com todos os nossos sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição e também direção).

Quando comecei a intervir na turma informei a professora que havia uma teoria de Loris Malaguzzi que aborda as Cem Linguagens da criança e seus diferentes modos de explorar e que a escuta era fundamental para a realização das propostas. Assim: observação, ação, reflexão e ação, era uma forma de dar sentido ao trabalho junto às crianças, das suas linguagens, rompendo com práticas adultocêntricas.

Então, neste momento quem planejava e organizava os espaços eram a pesquisadora com a colaboração da professora, de modo a desafiar os bebês e a refletirmos sobre as práticas pedagógicas e as linguagens dos bebês.

CAPÍTULO - III - DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL (2009): REFLETINDO UM CURRÍCULO COM E PARA OS BEBÊS.

As Diretrizes trazem algumas referências acerca do que seja um trabalho de qualidade com a educação infantil. Primeiro as DCNEIS (2009) trata do conceito de que a Educação Infantil é :

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção.(p.12, 2009)

Assim, devemos refletir sobre estes espaços institucionais que traduzem vivências e experiências que marcaram a vida destas crianças, pois as mesmas passam a maior parte das suas infâncias nestes espaços. Precisamos refletir sobre a concepção desse local de vida coletiva (FOCHI 2015). É um lugar de criança ativa e sendo assim, este propicia um ambiente acolhedor e instigador, onde o professor é parceiro de aventurar-se com as crianças no seu mundo de explorações e descobertas.

Sendo assim, antes de realizar alguma proposta pedagógica junto aos bebês e crianças pequenas temos que ter em mente o que norteia o trabalho do professor junto à eles, para isso, temos a Resolução nº 5 , de 17 de dezembro de 2009 que Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Este documento orienta o trabalho do professor e traz como eixo norteador as interações e brincadeiras. Deste modo, o professor precisa pensar que os bebês são únicos nos seus modos de ser, pensar e agir e é através dos seus sentidos que eles exploram o mundo.

As Diretrizes (2009) apontam para uma definição de criança.

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12)

Assim, ressalto a importância da organização dos espaços e materiais que alimentam as brincadeiras e interações dos bebês e crianças pequenas, onde o professor é o investigador das ações junto às crianças.

Segundo EDWARDS (2016) a escola para crianças pequenas precisa assumir um currículo emergente, onde a criança é vista como: rica, ativa e forte, a família participa da escola, e o professor valoriza ao máximo suas experiências. Deste modo, o planejamento é baseado na organização dos espaços e materiais, possibilitando assim, o professor estabelecer um

relacionamento de proximidade com a criança. A criança não é um vir a ser, ela é o aqui o presente, os currículos estão nas crianças.

3. 1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM BEBÊS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

As práticas pedagógicas com bebês, ainda é um desafio para muitos educadores, pois muitos tratam desta especificidade o cuidar e o educar dissociado,. Deste modo, muitos bebês acabam sendo somente cuidados com ausência de práticas pedagógicas, enquanto outros bebês são escolarizados, não levando em conta as suas linguagens, o que é um verdadeiro equívoco. Muitos ainda, são privados de interações lúdicas, como leitura de livros, brincadeiras, danças, etc, pelo fato de o professor compreender que tais explorações só é necessário “na hora da atividade” não levando em conta o desenvolvimento integral do bebê.

Para BARBOSA e RICHTTER:

Os bebês, em seu humano poder de interagir, ou seja, em sua integralidade – multidimensional e polissensorial – negam o “ofício de aluno” e reivindicam ações educativas participativas voltadas para a interseção do lúdico com o cognitivo nas diferentes linguagens (p.93, 2009)

Corroborando com a citação acima, percebo que o desafio é o adulto ver esse bebê como sujeito que explora e age sobre e com o mundo. O desafio é romper com a concepção de criança frágil de que precisa estar a todo o momento autorizada por um adulto a explorar o espaço e os materiais. O bebê precisa de um espaço seguro e rico de possibilidades investigativas e um ambiente acolhedor onde os sujeitos envolvidos vivam com muito afeto e respeito. Para RINALDI (2014), segundo Loris Malaguzzi o espaço é como um terceiro educador que convida a criança a descoberta e a um ambiente de qualidade.

A prática pedagógica requer do educador um olhar atento da realidade, pois os bebês estão descobrindo o mundo através dos seus sentidos, a fala está em processo de desenvolvimento e o adulto precisa estar atento a todos os seus gestos, sons, balbucio e a todas as formas de expressão de modo a não negligenciá-lo. O bebê e as crianças pequenas estão sempre formulando hipóteses acerca do mundo. São curiosas e muito detalhistas nas suas explorações.

O professor muitas vezes por não saber como trabalhar com esta especificidade, acaba agindo de forma mecânica principalmente nos momentos de higiene, troca de fraldas e alimentação. E em outros momentos o professor só valoriza o momento da “atividade” sem levar em conta que a criança é a atividade, ela está o tempo inteiro em ação, realizando movimentos com o corpo, descobrindo a si e ao outro, por isso, a importância de organizar os espaços para que o bebê possa

explorar de forma autônoma. Para Fochi (2015) precisamos reivindicar pedagogias que atendam a essa especificidade e ofereçam condições para que as crianças possam criar hipóteses, experimentar e dar sentidos para o mundo.

Assim, ao nascer o bebê já carrega consigo a sua cultura, com seus modos de dormir, de se expressar, os diferentes tipos de choro, e o educador necessita estar atento a tais demandas, estreitando os laços com as famílias para que se realize um atendimento de qualidade para esta especificidade.

Não existe receita para trabalhar com os bebês, o que necessita é uma escuta sensível do professor com a sua turma e com a subjetividade de cada bebê, registrar, observar e refletir sobre as ações das crianças e a sua intencionalidade nas práticas, pois trabalhar com bebês é ser e estar sensível no e com mundo.

CAPÍTULO. IV – INTERVENÇÕES COM BEBÊS

Tenho o privilégio de não saber quase tudo
E isso explica o resto
(Manuel de Barros)

As palavras de Manuel de Barros me remete a busca, *o não saber quase tudo*, significa que enquanto seres humanos estamos sempre aprendendo uns com os outros, e isto é fantástico, é sinal de vida, do que Freire (2010) chama de “ser inacabado”. E assim inicio esta intervenção, na certeza de que estou aprendendo e compartilhando saberes e vivências, tanto com os bebês quanto com a professora e com os teóricos que dialogaram e continuarão dialogando nesta pesquisa que não se finda.

O olhar atento à realidade e os questionamentos levantados sobre as práticas serviram de reflexão para qualificar o trabalho junto aos bebês, e assim segue algumas intervenções realizadas na turma do creche com os bebês. Essas intervenções foram realizadas a partir do olhar centrado no bebê, ou seja desde o primeiro contato com a escola que ocorreram em abril onde tive o contato com a escola, professora e após as intervenções em maio. Deste modo, pude observar e refletir sobre o contexto investigado e também pude me aproximar dos bebês, sem causar estranhamento, pois já estava inserida naquele contexto.

Primeira intervenção realizada no dia 03 de maio de 2016:

Neste dia, cheguei 30 min antes para organizar o espaço e acolhê-los. Organizamos um canto sensorial com pets de diferentes tamanhos e diferentes objetos em seu interior, tais como: água colorida com corante natural, *glitter*, folhas de árvores, outras garrafas com arroz, pedras, *glitter*, garrafas de diferentes tamanhos, os materiais foram confeccionados em casa.



foto 3: explorando esponjas
fonte: arquivo autora

Em outro canto da sala, organizamos outro espaço com plástico bolha suspenso para que os bebês pudessem explorar, tanto na parte de cima quanto a de baixo, se enrolar no plástico, o objetivo era observarmos como eles exploravam os materiais. Na parede fixamos com fita lacre esponja de diferentes cores e texturas, para que os bebês pudessem grudar e desgrudar (fixamos na altura deles), também fixamos lixas e celofane para observarmos as suas explorações.



Foto 3: Explorando o plástico bolha dançando. Foto 4: Explorando o plástico bolha com os pés.
Fonte: Arquivo da autora

Os bebês estavam muito curiosos na medida em que exploravam os materiais até que veio a “E” realizando gestos que era para apertar as bolhas do plástico, levantando o dedo indicador dizendo “Óh, Óh”. Sinalizando que era para escutar.

A professora começou a explorar o plástico bolha junto aos bebês. Uma fala que ela realizou durante a exploração “*É relaxante estourar essas bolhas com os pés, tu imagina se os alunos não vão gostar!*”

Sempre organizamos no mínimo dois espaços possibilitando a autonomia para que os bebês pudessem escolher o que e onde explorar.

A fim de agir como um educador para a criança, o ambiente precisa ser flexível; deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento. Tudo o que cerca as pessoas na escola e o que usam os objetos, os materiais, as estruturas – não são vistos como elementos cognitivos passivos, mas, ao contrário, como elementos que condicionam e são condicionados pelas ações dos indivíduos que agem nela (GANDINI, 1999, p.157).

Deste modo, os bebês necessitam que o espaço físico seja um ambiente de relações entre adulto/bebês, bebês/bebês e adultos/adultos, aconchegante, seguro, e desafiador que instiguem os bebês ampliar as suas descobertas.

Na exploração das garrafas pets, os bebês, levavam à boca, queriam abrir, tocar no que haviam dentro. A professora e a monitora ficaram um tanto receosas que os bebês pudessem abrir

e ingerir os materiais, a proposta foi aceita e realizada, os bebês sacudiram, observavam contra a luz, compartilhavam com os colegas. Havia garrafas de diferentes tamanhos, cores e materiais. Para HORN e BARBOSA (2010) os bebês nos ensinam a [re]aprender outros modos de sentir, perceber e agir no mundo.



foto 5: explorando as garrafas sensoriais
fonte: arquivo autora

No final refletimos sobre as ações dos bebês, e sobre a importância do professor pensar em desafios, e em propostas instigadoras permitindo que os bebês tenham contato com diferentes materiais. Assim, o desafio era encontrar materiais que desafiassem os bebês para a próxima intervenção. Surgiu a ideia das caixas de papelão e celofane.

Segunda intervenção realizada no dia 05 de maio de 2016:

Neste dia, organizamos o espaço com as caixas de papelão com furos (este material, conseguimos no mercado), rolos de papel higiênico levei de casa. Assim passamos a observar suas explorações, levei celofane colorido, foram fixados alguns dos materiais no chão e outros na janela para que os bebês pudessem explorar do seu jeito, o som do plástico ao pisar, observar as cores, texturas, etc...

Esse espaço deverá constituir-se em um laboratório onde acontecem as experiências sensoriais, sociais e motoras. (HORN 2013,p. 25).

Corroborando com a citação acima, o espaço deve ser instigador que convide o bebê a explorar. Neste dia, “A”, “D”, “E” e “G” exploraram o furo da caixa de papelão, com o dedo, com os olhos, com o nariz. “A” experimentou a caixa sentando em cima. Já “S” preferiu brincar com o plástico pisando em cima e explorando o som. Cada bebê tem sua preferência e seu modo de explorar os materiais.

Neste sentido, na visão adultocêntrica os materiais citados acima, poderiam ser destinados ao descarte, mas neste caso, serviram como objetos de investigação para os bebês. Assim, Mallmann (2015) chama esses materiais de potencializadores e os bebês potência, pelas possibilidades de experiências sensoriais e as diferentes maneiras de como cada bebê explora o mesmo material.

Conforme a citação, os materiais potencializadores convidaram os bebês a exploração.



foto 6;7: materiais potencializadores das práticas pedagógicas .

Fonte: arquivo autora

Terceira intervenção realizada no dia 10 de maio de 2016:

Para esta intervenção com os bebês utilizamos um pendrive, explorando o som da música na televisão e não a televisão. Assim organizamos o espaço com a música, do toquinho “*Aquarela*” os bebês dançavam e um deles foi correndo pegar um sol de pelúcia que estava a seu alcance e apontava para o aparelho de som. É que a música do Toquinho falava do sol. Foi então que mostrei o sol lá fora para a menina, ela sorriu e disse: *óu, óu*, se referindo ao sol.

A professora ao observar a fala da menina, diz: *“poucas vezes escuto a voz dela na sala”, a mãe sempre havia me informado que em casa ela era uma tagarela, mas aqui na escola ela é muito tímida”*

Nesse momento, enquanto os bebês exploravam a sua dança, o seu brincar na sala, observamos e refletimos sobre os bebês, enquanto singularidades, enquanto bebês que têm seus modos de interagir, que estão construindo sua identidade num espaço coletivo, e que cada um tem o seu tempo e seu ritmo, o seu jeito de ser e se desenvolver, de explorar, de se desafiar e de experimentar. E o nosso papel enquanto professora é o de refletirmos as nossas práticas, de qualificar essas ações, respeitando o tempo de cada um.

Em seguida, pedimos emprestado um minhocão para uma professora de outra sala e trouxe para a sala na qual estava realizando a intervenção com os bebês. A professora informou que cada sala tinha o seu material, mas que poderia pedir emprestado em outra turma. Assim, entendo que a escola enquanto uma Unidade deve compartilhar não só materiais, mas vivências entre os grupos de crianças, pais e professoras.

Observamos para ver como os bebês explorariam os materiais, alguns se jogavam por cima do minhocão, outros entravam e assim eles foram compreendendo como utilizar o brinquedo. “A” sempre ficava na entrada do minhocão cuidando os demais colegas passarem, pedi permissão para ele para poder passar.



foto 8: explorando o minhocão
fonte: arquivo autora

Tal atitude demonstra o respeito pela criança e pela própria brincadeira, pois para a criança o brincar é coisa séria e enquanto sujeito que brinca, ao brincar produz cultura.

A criança, desde o seu nascimento está inserida em uma cultura, e produz culturas singulares, chamadas de culturas infantis (MACÊDO, 2014).

Corroborando com a citação acima, a cultura inicia com os costumes das famílias, e conforme se inserem em um espaço coletivo, como o da escola, aprendem a cultura dos outros, e assim, o bebê e a criança ao brincar reproduzem vivências e experiências nos seus modos de ser e agir sobre no e com o mundo, assim é a cultura infantil.

Quarta intervenção realizada no dia 12 de maio de 2016:

Organizamos novamente o espaço com caixas de papelão, só que com fitas de cetim coloridas. “C” virou a caixa e sentou em cima e seguiu arrastando-a pela sala, batendo com a mão na caixa, parecia que estava cavalgando. Já “S” brincou que estava dentro de um carro, fazendo som com a boca (*brumbrum*). “D” preferiu explorar as fitas, sinalizando que amarrassemos nas garrafas sensoriais para arrastar o objeto pelo chão. Após fomos higienizar as mãos.

Durante a janta, “A” demonstrou que já estava se desafiando a comer com o talher, mas a professora informou que os bebês só poderiam comer desta forma, quando passassem para o Creche 2 (a partir dos dois anos). Questionei a professora com a relação a autonomia, pois a criança já estava sinalizando que sabia comer sozinha e que seria importante esta exploração. Ficamos refletimos a respeito, será que em casa ele já estaria realizando a ação de comer sozinho?. E qual é o papel da escola para esta especificidade? Não seria o de permitir com que o bebê explorasse o alimento através dos seus sentidos? Explorando com a mão, cheirando, etc. Neste caso, o menino já estava até utilizando uma ferramenta que é a colher.

Desta forma, percebe-se a importância do diálogo entre a família e a escola, e a relação de proximidade. RINALDI (2014). A comunicação entre educador e família é muito importante para a qualidade do trabalho pedagógico com os bebês.

Na troca de fralda foi um dos momentos mais interessantes, ao dialogar com eles as ações, os próprios bebês auxiliavam como por exemplo: levantavam a perna para colocar a fralda, estendiam o braço para colocar a blusa.

Fiquei surpresa ao observar o quanto eles compreendem quando situamos suas ações e o quanto eles são parceiros nestas ações. Neste mesmo momento, foi explicado a utilização do lenço umedecido para o bebê, mostrando o pote para a menina permitindo-a explorar o cheiro, a textura, respeitando o seu tempo, “A” cheira, e sorri.

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação infantil (2006) colocam a importância do trabalho com o cuidar e o educar de forma indissociável, valorizando as necessidades e os direitos que cada criança possui.

A professora foi se tornando mais receptiva durante o desenvolvimento das propostas, confirmou-se que a partir incursão se percebe que tudo no berçário é pedagógico, pois os bebês são incríveis nas suas ações e escuta. O pedagógico no qual professora se refere é o do professor que olha para as práticas, a fim de desafiar os bebês na organização dos espaços, respeitando o tempo e oferecendo diversos materiais, sendo um pesquisador e assim ela estava se desafiando a qualificar a sua prática.

Quinta intervenção realizada no dia 17 de maio de 2016:

Ao perceber que não havia registros dos bebês na sala, e nem imagens deles interagindo, conhecida como documentação pedagógica. Sugeri para a professora para organizarmos um espaço para acolher os bebês, desta vez colocamos fotos deles interagindo, nas paredes, no chão, na entrada da porta. A documentação, além de desafiar os bebês que estavam engatinhando, entre

outros bebês que se observavam, também chamou a atenção de algumas famílias, que até pediram a foto, pelo fato de dar visibilidade ao trabalho pedagógico que estava sendo realizado na sala.



foto 9: observando as ações dos colegas através da documentação pedagógica
fonte: arquivo autora

Também havíamos organizado um canto com livros de história para que eles tivessem acesso para explorar. Após organizar o espaço fiquei sentada no chão junto com eles observando. Até que veio “A”, “D” e “G” com um livro na mão queriam que eu lesse. Fui explicando que poderia ler, e respondiam *ta, ta bom, um imitava ao outro*. Alguns Bebês ficavam explorando as imagens no chão e se reconhecendo.

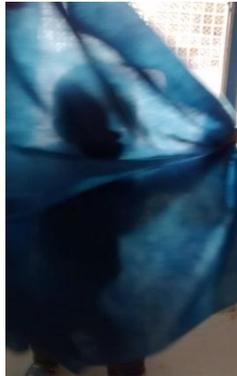


foto 10: brincando de esconde-esconde
fonte: arquivo autora

Outros preferiram explorar os livros e outros queriam brincar de se esconder atrás das cortinas de t.n.t. Nesse momento, convidei as professoras para participar, neste dia, elas preferiram observar. Então passei a tarde brincando com eles, foi rico e significativo. “D” pegou as garrafas sensoriais e batia uma na outra, perguntei se sabiam cantar “A” , começa a fazer sons (ã ã ã, ã) parecia uma canção de ninar, sentei no chão e perguntei se queriam ouvir uma música, sinalizaram com a cabeça que sim, expliquei pra eles que essa música tinha o nome deles. E era mais ou menos assim:

Tum, tum, tum no meio da floresta, um barulho se escutou, e toda a bicharada no início se assustou, mas quem apareceu não era assustador era (nome da criança) que tocava o seu tambor.

Esta ação, não estava prevista no planejamento, mas, como este deve ser apenas um norte para as ações, achamos interessante desafiar os bebês partindo das suas ações.

Os momentos da música não deve acontecer somente na ‘hora da atividade’ ou por datas comemorativas, como por exemplo: cantar para a festa de São João, ele deve partir de uma proposta de escuta momento em que os bebês desejavam estar juntos cantando, balbuciando e ouvindo o seu nome.

Sexta intervenção realizada no dia 19 de maio de 2016:

A proposta seria fazer com os bebês massa de modelar comestível, momento em que organizamos o espaço no chão da sala com um t.n.t primeiro apresentamos as crianças as bacias, algumas exploraram na cabeça, outras colocavam a bacia na cabeça do colega.



foto 11: explorando os materiais
fonte arquivo autora

Em seguida, as crianças foram explorando os ingredientes, (farinha, sal, açúcar, água e corantes comestíveis) tocando com a mão, cheirando, experimentando. Após, misturamos os ingredientes nas bacias, e cada bebê recebe um pedaço da massa, depois apresentamos, três cores de corantes comestíveis, em que os bebês escolhiam, amarelo, vermelho e azul. Fizemos massa de modelar levemente salgada, assim os bebês puderam experimentar o sabor, cor, aroma e a textura.



foto 12: explorando farinha
fonte: arquivo autora

Eles ficaram algum tempo envolvidos na proposta. Neste dia havia chegado um outro bebê de 8 meses . O bebê no carrinho ficava observando, falei com a professora sugerindo a participação dele, a professora informou que o menino era muito pequeno para participar, tinha medo que a massa de modelar caseira pudesse lhe fazer mal, caso ingerisse. Nesse momento, o bebê fica mais agitado no carrinho, mostrando o seu descontentamento por não estar junto de seus colegas. Ao se agachar ele desce do carrinho e vem engatinhando até a direção da proposta, ficamos impressionada com a atitude do menino. E mais uma vez insisti para que ele participasse da proposta sob meus cuidados, a professora aceitou. Ele ficou aproximadamente 5 minutos amassando um pequeno pedaço de massa de modelar caseira, que seu colega havia lhe dado, nesse tempo ele sorria e balbuciava.

Para BARBOSA os bebês.

[..] estão construindo suas primeiras aprendizagens [...] Todas as vivências são educadoras nessa faixa etária. A criança nasce inscrita em um código natural e sociocultural. Na interação com o outro, nas inúmeras possibilidades que o outro lhe aponta, ela imprime as marcas do humano e constrói sentidos nas linguagens. Sentidos intimamente vinculados ao ato de brincar, criar[...] (2010, p.91)

Deste modo, percebemos que os bebês se expressam de diferentes formas, por gestos, olhares, sorrisos, choros, balbucios movimentos, enfim os bebês questionam as práticas pedagógicas e reivindicam o seu descontentamento.



foto 13: explorando massa de modelar comestível

fonte: autora

Já estava na hora da janta e chegou uma das senhoras para entregar o alimento e disse: *“Cruzes! mas quanta bagunça nessa sala, olha só essa garrafas (chocalhos confeccionado com materiais reciclado para os bebês) olha essa fotos no chão,”*. Foi então que disse para ela: ***Esse é o trabalho com a Educação Infantil, e estamos todas aprendendo com os bebês.*** Aos poucos fomos compreendendo que os bebês são as múltiplas linguagens nos seus modos de ser e se expressar no mundo. Por mais que a professora prepare uma proposta com livros, cada bebê irá explorar e interagir da sua maneira, são suas subjetividades e seus modos de ser e estar no mundo, pois os bebês como sujeitos produtores de cultura exploram os materiais conforme suas experiências e seus sentidos. Como no caso do “G” já citado quando explora a caixa de papelão.

Para OSTETTO (2014) o planejamento requer uma intencionalidade, ele é mais que uma atividade é a criança em foco, por mais que se tenha planejamento por datas comemorativas, o professor precisa respeitar o tempo de exploração da criança, não á submetendo a atividades mecânicas.

Assim, precisamos partir de um planejamento de escuta, que observa e cria hipóteses junto com as explorações dos bebês.

Sétima intervenção realizada no dia 20 de maio de 2016:

Neste as crianças foram explorar a biblioteca, o desafio era que os bebês fossem até a secretaria pegar as chaves para explorarmos os livros. Foi muito significativo,” D” pegou a chave e tentou de diferentes formas colocar na fechadura, várias tentativas ocorreram, atéque conseguiu, respeitamos esse tempo que ele precisou para realizar esta ação. Exploramos alguns livros e fantoches.



foto 14: explorando a fechadura foto 15: brincadeira do abraço
fonte: arquivo autora

Estava sentada no tatame, observando os bebês, daqui a pouco chega a “A” e abraça a professora e em seguida me abraça, e quando percebemos os bebês criam um jogo do abraço, onde todos começam a imitar as ações da “A” e começam a se abraçar, e a rir, foi muito interessante partiu deles a brincadeira.

Para KISHIMOTO

o bebê já domina a brincadeira e expressa seu domínio de forma prazerosa, repetindo sua nova experiência, variando as situações. Aqui se encontra um exemplo de como se aprende a dar significados aos movimentos, a compreender e usar regras e a linguagem. (2010 p.4)

Ao perceber que um dos bebês estava cocô, pedi para a professora para realizar a ação, “E” estava explorando um livro, conversei com ele perguntando se poderia olhar sua fralda para saber se estava com cocô, ele havia feito o sinal com a cabeça de sim, e me mostrou o livro que estava explorando, me informando que queria levá-lo junto. Assim entendo da importância de conversar com o bebê, pois eles precisam estar situado nas ações e o diálogo é fundamental para o seu desenvolvimento.

Oitava intervenção realizada no dia 24 de maio de 2016:

Lembrando que no dia anterior havíamos enviado os bilhete nas agendas para as famílias para que as crianças trouxessem mudas de roupa pois explorariam tinta. Neste dia, organizamos o solário com um plástico transparente resistente, logo eles subiram em cima do plástico e começaram a explorar o som. “A” preferiu ficar brincando com as pedrinhas que estavam em um desnível do chão (*é um perigo as crianças se machucarem nessa valeta*). Na fala da professora, percebemos a sua reflexão sobre o espaço se referindo ao cuidado, pelo fato de que os bebês pudessem se machucar, enquanto isso, os bebês estavam apreciando a “valeta” ao coletar pedrinhas. Entendo a preocupação da professora, enquanto responsável pelos seu bebês.

Após organizamos o solário para as crianças explorar tinta comestível, colocamos um plástico em um dos cantos do solário e no outro lado t.n.t branco, disponibilizamos as bacias, e assim os bebês iniciaram a exploração, na cabeça, no colega, etc.

Após esta primeira exploração fomos colocando mais elementos, as tintas comestíveis, feitas com maizena, água e os corante (azul, amarelo e vermelho). Colocamos as bacias em cima do saco plástico, logo em seguida a professora pegou uma cadeira e sentou-se próximo das crianças. “G” puxa a minha mão sinalizando que sentasse com ele no chão, e logo veio passar tinta no nariz.

Como na sala não havia espelho conseguimos emprestado na outra turma. Assim os bebês exploraram tinta no espelho. Ficamos atentas para observar como os bebês explorariam, e assim eles passavam tinta no espelho, algumas crianças só observavam, outras imitavam as ações dos colegas, observavam a sua mão. Mas o incrível foi quando “G” misturou as tintas, formando uma outra cor e ele percebeu isso, sinalizando oh!!! com o dedo para cima. Assim os demais colegas foram até o “G” para observar a nova cor que havia se formado. Ficamos surpresa com a descoberta do “G”.



**foto: ;16 e 17 explorando tinta comestível
fonte: arquivo autora**

Para FOCHI (2015) os bebês são observadores do mundo, desde ao nascer, brincam com o corpo, com o outro e depois vão descobrindo o mundo a sua volta, iniciam a interagir com objetos, realizando inúmeras pesquisas, ou seja diferentes formas de exploração.

O mais interessante foi observar as crianças se comunicando através do reflexo do espelho. Neste instante, a professora estava muito preocupada em higienizar as crianças porque já estava na hora da janta. Pedi que a professora aguardasse mais uns minutos pois os bebês ainda estavam pesquisando e explorando os materiais, muita atenciosa a professora acatou o pedido.



foto 18: tinta comestível
fonte: arquivo autora

Em seguida, fomos higienizar os bebês momento muito rico e significativo. O bebê fazia sinal com a mão estendida para cima de que havia acabado a brincadeira. Neste instante, a professora e a monitora contribuíram com este momento com os demais bebês, percebia que elas conversavam com os bebês no tempo em que realizavam as ações, momento esse muito rico e significativo.

“O inacabado de que nos tornamos conscientes nos faz seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” (FREIRE, 2015, p. 58).

Em um outro momento das intervenções, organizei o espaço com sacolas com zíperes com diferentes objetos (plumas, tiaras, tampas de plástico, potes) eles exploraram muito, “A” abriu o zíper e depois “G” colocou a sacola na cabeça. Já “D” pegava as argolas de plástico e colocava entre meus dedos. Levei forminhas de *Cup Cake* de silicone, e cada bebê demonstrou o seu interesse pela forma e pela cor, realizaram inúmeras pesquisas.



foto 19: explorando materiais diversos
fonte: arquivo autora

Em um outro momento, a professora havia comentado que na escola os professores estavam pensando em criar um projeto sobre natureza, estava pensando em plantar com os bebês, fiquei feliz com sua proposta.

No final da pesquisa, sugeri que a professora investisse na organização dos espaços, possibilitando mais autonomia aos bebês. Como por exemplo: criar um porta livros, desafiando-os a

explorar o carvão no tecido, mas que seria interessante conversar com a nutricionista antes de realizar a ação pelo fato dos bebês explorarem os materiais com a boca. E depois poderia fixar o porta livro na altura deles para que tivessem acesso aos livros na sala, poderia também solicitar doações para as famílias com livros preferidos dos bebês. Também poderia criar um painel sensorial, com diferentes texturas, sons, e aromas, entre tantos outros.

Cabe salientar, que todas as propostas foram sugestões e não uma receita de como trabalhar com os bebês. Há inúmeras possibilidades de propostas, mas o que precisa do professor é estar atendo ao grupo, no que eles têm interesse e acreditar no potencial de cada bebê, fazendo da sua sala um espaço rico de investigações.

Para a escola, entreguei o poema de Loris Malaguzzi “Cem Linguagens” e endereços de sites (vídeos da UNESP que fala de brincadeiras e interações, currículo, organização de espaços e tempos, materiais).

Cabe salientar que não tivemos oportunidade de nos reunirmos na escola para fazer formação continuada, e nem leitura de materiais, pelo fato dos professores realizarem o planejamento em casa e também, há um número certo de docentes na escola, assim os bebês não teriam com quem ficar. Por isso, foi sugeridos leituras, sites para a coordenação, posterior a pesquisa.

Através das formações continuada, organizada pela SMED, a escola investiu em tapetes nas turmas do berçário, bem como em organização de materiais através de caixas com materiais diversificados.



**Foto 20: tapete que possibilitou a interação dos bebês no chão.
(colocado pela coordenação da escola, após formação na SME)
Fonte: arquivo autora**

CAPÍTULO V - DIÁLOGOS COM A PROFESSORA APÓS AS INTERVENÇÕES COM OS BEBÊS.

Concepção de criança :

[..] percebo que são curiosos, são sujeitos sociais e que tem direitos de estar na escola, de mexer com diferentes materiais, de se socializar com demais colegas.

Na fala da professora, percebemos que ela traz um bebê investigativo e capaz de realizar inúmeras explorações, pontuado como consta nas DCNEIS(2009) e que FOCHI (2015) traz em sua dissertação. Apesar de compreender que esta concepção é um processo e que demanda uma construção coletiva com a proposta da escola que está em construção.

Planejamento:

A coordenação já está pensando em trabalhar a partir dos interesses dos alunos, a gente trabalha muito a partir da necessidade, e no berçário, vejo que os alunos são muito ativos, precisamos apostar nas explorações e desafios.

Na intencionalidade de qualificar a prática a professora traz no planejamento a criança como centro desse processo e ainda afirma que a escola está refletindo sobre pautar o olhar sobre os interesses e não somente nas necessidades.

Brincadeiras e interações:

A brincadeira é a base de tudo nas práticas, os alunos brincam muito entre eles com nós professoras e com os brinquedos.

Neste sentido, a professora compreende que as brincadeiras e interações é o norte para as práticas pedagógica, e se coloca como sujeito que brinca com os bebês. Sabemos que esta ação é muito importante para o desenvolvimento infantil.

Segundo KISHIMOTO

O brincar interativo com a professora é essencial para o conhecimento do mundo social e para dar maior riqueza, complexidade e qualidade às brincadeiras. Especialmente para bebês, são essenciais ações lúdicas que envolvam turnos de falar ou gesticular, esconder e achar objetos (2010,p.3)

O Cuidar Indissociado do Educar

[..]vejo que no berçário tudo é pedagógico. As vezes é preciso parar para [re]pensar sobre as nossas ações e que não tem como separar.

Na fala da professora percebemos a importância dessa indissociabilidade com essa especificidade que é o cuidar e o educar. Assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a

Educação infantil (2009 p.19) trata da educação de crianças [...]em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo.

Deste modo, precisamos ter cuidado ao se referir que no berçário tudo é pedagógico, precisamos compreender que os bebês precisam ser parceiros nesta prática pedagógica, que nada mais é a intencionalidade do professor nas suas ações.

Teoria X prática:

Aqui na escola cada um tem seu modo de trabalhar com os alunos, com os menores não tenho nenhuma teoria específica, muitas vezes nos preocupamos por resultados nas práticas, pois temos mostras para as famílias, para a secretaria e acabamos nos preocupando muito com isso é importante ter uma teoria que de conta de trabalhar com essa faixa de idade, e essa que você apresentou é muito interessante.

A teoria na qual a professora se refere é a das “Cem Linguagens”, que fundamenta-se no princípio da escuta que valoriza as linguagens das crianças, que são todas as suas formas de expressão. O professor neste caso é o observador e quando necessário o potencializador das ações junto aos bebês.

Experiências dos bebês: Espaços, Tempos e Materiais.

Acho importante sair, mas, vou mais na parte de trás, (se referindo ao solário) e na pracinha. Até porque tenho alunos muito pequenos..Vou pensar mais na reorganização dos espaços.Cada um tem seu tempo, respeito a questão sono, no meu caso, quase ninguém da minha turma dorme observei que você se preocupou com as explorações dos alunos no tempo deles, durante as atividades propostas, nos momentos de exploração, deu ênfase nisso e foi muito significativo para os alunos.

Achei interessante as explorações dos alunos com as caixas de papelão, o plástico bolha, garrafas de refri com materiais dentro, até porque isso tudo a gente joga fora, é só limpar e trazer. Vou procurar materiais que sejam interessantes e que desafie os alunos, até porque eles enjoam só com os brinquedos da sala e vejo que eles aprendem muito.

Com relação ao respeitar o tempo da criança, no dormir a professora informa que respeita o tempo de cada um. Por isso é importante que na “hora da atividade” os espaços e materiais estejam disponíveis para que os bebês possam explorar quando houver interesse, descansar quando sentirem necessidade, e que eles (bebês) tenham autonomia neste espaço para realizar estas ações, pois, eles estão em atividade o tempo todo.

Para BARBOSA

Talvez o tempo seja um importante elemento para a definição da especificidade da educação dos bebês. As crianças pequenas precisam de tempo, de tempos longos para brincar, para comer, para dormir. Tempos que sejam significativos. As crianças pequenas, especialmente os bebês, têm a árdua tarefa de compreender e significar o mundo e precisam de tempo para interagir, para observar, para usufruir e para criar. (p.4, 2010).

Corroborando com a citação acima, no tempo de exploração da criança são momentos delicados que estão realizando a sua pesquisa, o seu modo de conhecer e explorar o mundo.

Docência no berçário:

É se desafiar dia após dia, é acolher as famílias , compartilhar com os colegas o conhecimento. Assim, não me importo quando me chamam de tia .

Na fala da professora percebemos que o trabalho no berçário é uma teia de relações, pois não se faz um trabalho solitário com os bebês, é necessário que a família esteja presente na escola, que o professor tenha intencionalidade nas suas ações, ou seja o professor precisa ser o protagonista da sua docência. Neste sentido, o professor precisa acolher essa família nas suas propostas pedagógicas para que eles compreendam a importância do trabalho pedagógico com os bebês, sendo assim o trabalho com bebês não é uma maternagem.

Segundo RINALDI:

[..]a tarefa do professor é como se fosse o fio de Ariadne que é uma metáfora utilizada em Reggio para o trabalho que ele desenvolve, pois é ele quem dá orientação [...] vistos como que se tem o fio que constroem e constituem os entrelaçamentos e conexões, a rede de relacionamentos, para transformá-los em experiências significantes de interação e comunicação (2014,p.106).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciamos no Brasil uma série de mudanças de rumo na história da educação infantil e nas políticas públicas em favor dos direitos dos bebês e das crianças pequenas, que influenciaram no comprometimento com a qualidade no trabalho com a educação infantil, através de investimentos do FNDE com a ampliação de escolas que sejam adequadas para estas crianças como o PROINFÂNCIA. Contudo, precisamos investir ainda mais na formação de professores para o trabalho com esta especificidade, que é o trabalho pedagógico com os bebês, a fim de romper com as práticas adultocêntricas, que não valorizam as explorações dos bebês enquanto sujeito que possui direitos, pois precisamos abandonar alguns estereótipos de que os bebês são frágeis, mas ao mesmo tempo tem que exercer um papel de aluno “hora da atividade”. Necessitamos de práticas que valorizem o modo de expressão desses sujeitos de direitos, dentro desse espaço coletivo, da educação infantil.

Deste modo, as escolas precisam organizar os espaços e valorizar o tempo de escuta das crianças possibilitando que elas realizem inúmeras pesquisas.

O município onde se realizou a pesquisa tem preocupação com a qualidade do trabalho pedagógico, respeita a quantidade de crianças por educadores. As professoras no berçário trabalham na perspectiva das Rcneis.

Na organização dos espaços e materiais do berçário, a escola providenciou tapetes para os bebês se locomoverem no chão, após uma formação da Secretaria Municipal De Educação, outras, em parceria com a UNIPAMPA, organizaram caixas de brinquedos e deixaram as garrafas sensoriais da intervenção disponíveis para os bebês.

Aprendi com esta pesquisa que os professores podem proporcionar qualquer experiência desde que seja significativa para os bebês, e desde que estas sejam bem avaliadas pelo adulto, para isso o professor necessita estar sensível, perceber a singularidade de cada bebê e a cultura de cada família.

Não podemos criar um currículo que padroniza as crianças, pois cada bebê, cada criança é única nos seus modos de ser, pensar, agir e de se comunicar, e que o projeto político pedagógico da escola possibilite a participação de todos, onde todos falem a mesma linguagem, todos em que me refiro é família, professores, demais funcionários, equipe gestora, crianças e bebês. Proporcionando aos bebês contato com outras crianças (maiores) e em outros espaços que não seja somente a sala ou a escola, mas que realizem passeio em outros locais.

E para que estas linguagens estejam cada vez mais nos currículos das escolas é fundamental que o professor seja um pesquisador, que observe, reflita sobre o seu fazer pedagógico, e invista na

organização dos espaços, respeite o tempo de exploração, diversifique os materiais e registre os momentos de exploração, pois esta é a nossa função enquanto professor da educação infantil, refletir o nosso fazer pedagógico, ouvir a criança e se aventurar nas suas descobertas. E acima de tudo se questionar: *Como podemos ajudar as crianças a descobrirem o sentido daquilo que fazem, encontram e experimentam?* (EDWARDS 2016).

Espero que esta pesquisa, tenha contribuído para afinar o olhar sobre o lugar dos bebês nas práticas pedagógicas, um bebê ativo, parceiro, onde ele é o centro de toda e qualquer proposta e que o professor reflita sobre sua prática, pois ser professor de bebês é estar num constante processo de observação/ação/reflexão/ação, sendo assim o conhecimento não é linear, mas sim uma espiral reflexiva que esta sempre em movimento, pois o conhecimento se constrói, num processo de busca e [trans]formação da prática, a partir da interação com os outros. Assim, desejo que esta pesquisa desperte outras pesquisas a fim de qualificar o trabalho pedagógico com bebês.

6.1 - POEMA LORIS MALAGUZZI

Início esta documentação de vivências dos meninos e meninas (FOCCHI 2015) que alimentaram esta pesquisa e que através de suas explorações, curiosidades, ensinaram a docência para professora e pesquisadora que aprenderam a escutar ainda mais, a olhar para os bebês, a estar sensível e a perceber que somos parceiros neste espaço de vida coletiva, onde todos contribuem para o bem estar de todos.

Deste modo, é impossível não olhar para as práticas pedagógicas sem antes refletir o poema de Loris Malaguzzi.

AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA

Loris Malaguzzi

**A criança é feita de cem.
A criança tem
uma centena de línguas
cem mãos
uma centena de pensamentos
uma centena de maneiras de pensar
de brincar, de falar.**

**Uma centena. Sempre de uma centena de
modos de escutar
de admiração, de amar
cem alegrias**

para cantar e compreender
cem mundos
para descobrir
cem mundos
para inventar
cem mundos
para sonhar.

A criança tem
uma centena de línguas
(E um cem cem cem mais)
mas eles roubam 99.
A escola e a cultura
separar a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
fazer sem cabeça
para ouvir e não falar
de compreender sem alegria
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.

Dizem-lhe:
para descobrir o mundo já está lá
e do cem
eles roubam 99.

Dizem-lhe:
que trabalho e lazer
realidade e fantasia
ciência e imaginação
o céu e a terra
razão e sonho
são coisas
que não pertencem juntos.

E assim eles dizem que a criança
que o cem não existe.
A criança diz:
De jeito nenhum. O cem é lá

SIM, na creche I , professora/pesquisadora, após muita reflexão, encontraram **ALGUMAS**, das milhares de linguagens dos meninos e meninas que lá estavam, dando vida para este trabalho, através das imagens das crianças, chamadas de documentação pedagógica.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Fragmentos sobre a rotinização da infância.** Educação & Realidade, v. 25, n. 1, 2000.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês.** portal. mec. gov. br/index. php, 2010.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** Educação & Sociedade, v. 18, n. 59, p. 398-404, 1997.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil.** Artmed Editora, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/96.** Brasília: 1996.
- BRASIL, RESOLUÇÃO/CD/FNDE Nº 006 DE 24 DE ABRIL DE 2007 **Estabelece as orientações e diretrizes para execução e assistência financeira suplementar ao Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil – PROINFÂNCIA.**
- BRASIL, MEC; CNE, CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil.** Resolução CEB-CNE, n. 01, 2010.
- CAMPOS, M. M. & ROSEMBERG, F. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1995.
- EDWARDS, C., Gandini L.& Forman G. **“As cem linguagens da criança”: a abordagem de Reggio Emiliana educação da primeira infância.**v1. Porto Alegre:Penso, 2016.
- FARIA, Vitória Farias; SALLES Fátima: **Currículo na Educação Infantil: diálogos com os demais elementos da Proposta Pedagógica/2 ed, { rev. e ampl} São Paulo . Ática, 2012.**
- FOCHI, Paulo Sergio. **“Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva.** 2013.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da pesquisa-ação.** Educação e pesquisa, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.
- GOBBI, Marcia Aparecida. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da educação infantil.** I Seminário Nacional: Currículo em Movimento perspectiva atuais, p. 01-21, 2010.
- GUIMARÃES, Daniela; KRAMER, Sonia. **Nos espaços e objetos das creches, concepções de educação e práticas com crianças de 0 a 3 anos.** In: KRAMER, S. (Org.) Retratos de um desafio. São Paulo: Ática, 2009.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, Cores, Sons, Aromas: A organização dos espaços na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Educação Infantil e Currículo.** In: FARIA, Ana L. G. e PALHARES, Marina S. (Orgs.). *Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios.* Campinas: Autores Associados, 1999.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro. **A infância resiste à pré-escola?** Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2014, 237f.

MALLMANN, Elisete. **Materiais potencializadores e os bebês-potência: possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis no contexto de um berçário.** Dissertação de (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

_____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

RINALDI Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, Investigar e aprender.** ed Paz & Terra, 2014.

RIO GRANDE DO SUL, município de Jaguarão. *Lei n.6.041, DE 6 DE OUTUBRO DE 2014.*
Autoriza a Instituição das
Curriculares Municipais Para a Educação Infantil.

RICHTER, Sandra Regina Simonis; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche.** Educação (UFSM), v. 1, n. 1, p. 85-96, 2010.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios.** Papirus Editora, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação, brinquedos e brincadeiras. Acessado em 05 de maio de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Práticas Cotidianas na educação infantil- Base para a reflexão sobre as orientações curriculares-** acessado em: 01 de junho de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Organização dos espaços e ambiente.** acesso dia 5 de julho de 2016.

RIO GRANDE DO SUL. Tribunal de Contas do Estado.. **Radiografia da educação infantil,** acesso 5 de julho de 2016

BRASIL. Ministério da Educação . **Plano Nacional da Educação.** acesso dia 15 de julho de 2016

CESIARA.A.B **O Referencia Curricular Nacional para a Educação Infantil no Contexto das reformas*** Campinas, v. 23, n. 80, setembro/2002, p. 326-345 345. cesso dia 10 de junho de 2016. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br/pdf/es/v23n80/12935.pdf>

APÊNDICES:**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Título do projeto: Currículo na Educação Infantil: As Linguagens dos bebês nas práticas pedagógicas.**

Você professora (a) da turma do berçário, gostaria de lhe convidar para realizar esta pesquisa ação. Para isso, é preciso que a pesquisadora esteja autorizada a entrar na sala observar a prática com os bebês no seu cotidiano.

Este estudo tem como objetivo central compreender e refletir as práticas pedagógicas realizadas no berçário, levando em conta as linguagens dos bebês, que são todas as suas formas de expressão..

Ao concordar em participar desta pesquisa, você estará refletindo sobre as suas práticas pedagógicas no cotidiano, bem como, compartilhando saberes junto com a pesquisadora, e isto faz com que a pesquisa tenha mais vida, sendo significativa para ambos (pesquisador/pesquisado) onde teremos a oportunidade de qualificarmos nossas ações junto aos bebês.

Coloco-me à disposição para esclarecer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter no momento da pesquisa, ou posteriormente através do telefone residencial: celular (055) 9101-1346.

Eu, _____, acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito das informações sobre a pesquisa a ser realizada.

Assinatura do colaborador(a)

Assinatura da Pesquisadora

Consentimento do uso de imagens;

Família, envio este termo de consentimento para o uso da imagem de seu filho (a) para a pesquisa intitulada: **Currículo na Educação infantil: A**

s Linguagens dos bebês nas práticas pedagógicas do berçário.

Euautorizo meu filho
(a).....a participar da pesquisa e fazer uso da imagem **sem**
colocar em redes sociais.

Desde já agradeço a colaboração

Questionário

- 1- Quem são os bebês?
- 2- O que é planejar para bebês?
- 3- Quem brinca, como brinca os bebês, você brinca com eles?
- 4- o que você entende por cuidar e educar no berçário?
- 5- Que teoria respalda a prática, o que vocês trabalham com os bebês na escola?
- 6- Que experiências e práticas pedagógicas podemos proporcionar aos bebês e Com relação ao espaço, tempo e materiais.
- 7- O que é ser professor de bebês? E como se sente?